

# Quanto ao ESPÍRITO de uma turma

Matheus Terra Silvestre \*

Redação vencedora do Concurso Literário patrocinado pela Turma Beauclair com o tema “Espírito de Turma”, destinado aos alunos do 4º ano da Escola Naval.



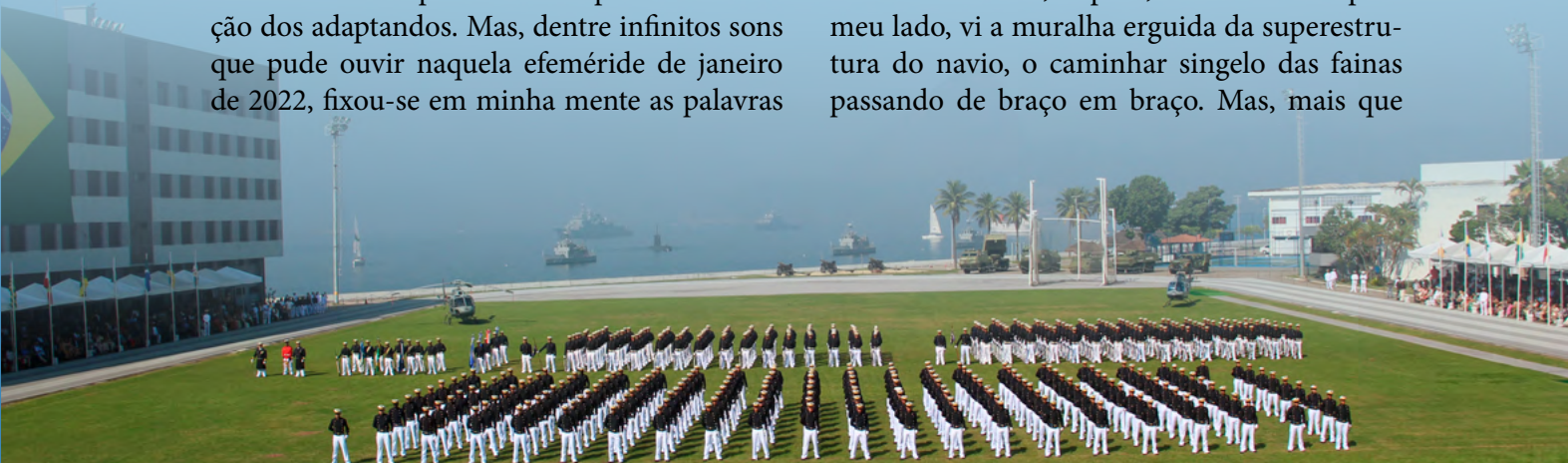
Aspirante Terra, autor da redação vencedora

Muito se vem à mente ao se falar de “espírito”. Allan Kardec versou algo sobre. Cristo, perfazendo a voz de seu Pai, também. O conhecimento e as verdades de infinitas culturas ao longo do globo também o fizeram, à sua maneira. Entretanto, existem mistérios que, por sua vez, abrangem espíritos mais tangíveis no hodierno — a mística naval relativa ao “espírito” de uma turma e o significado disto perdura por tantas singraduras quanto se pode contar.

Por viés do acaso — e por necessidade inequívoca deste escrito —, perpetuarei a citação de minha própria turma, a D. Pedro I, como primeiríssimo contato desta mão que escreve com nossa Marinha. Ao calcar o primeiro de meus pés sobre o sagrado solo de Villegagnon, pude ouvir muito. O balir dos apitos, o estampido acelerado dos passos dos adaptadores à direção dos adaptandos. Mas, dentre infinitos sons que pude ouvir naquela efeméride de janeiro de 2022, fixou-se em minha mente as palavras

cansadas de um colega de turma (que chegou nela de surpresa, vindo da turma de cima): “Vamos, não desista! Porque você é da 19!”. De fato, nestes anos de singradura pela Marinha, muito pude ouvir, mas nada que fosse tão significativo, até então, quanto uma “promessa de permanência” num grupo, uma espécie de voto de natalidade por incorporação à Marinha. Acaso, também, tornei a pensar sobre isto.

Certo dia, em janeiro de 2024, pus-me a pensar, peito aberto ao convés de um navio-patrulha, o vento indo de encontro à minha face e, engolfado pelo ambiente de faina marinheira dos cabos e voltas e o apito, relentei-me a um pequeno momento de reflexão. O mar, o navio, o som das aves perto da costa, tudo encaixando num mosaico extenso de irreal perfeição. Num momento, porém, abateu-se sobre mim um ideal forte. Veloz, ríspido, intenso. Olhei para meu lado, vi a muralha erguida da superestrutura do navio, o caminhar singelo das fainas passando de braço em braço. Mas, mais que





Fotos: Marinha do Brasil

isso, vi meus colegas de turma. Homens e mulheres que dividiam comigo o mesmíssimo ideal, traduzindo em suas veias a principal diferença entre pertencer e desejar: a vontade. A vontade que dividíamos naquela borda-falsa, a vontade no suor que pingava na amurada. “Pertencemos à mesma turma, então a Marinha nos fez irmãos”, gostei de pensar no momento, mas me contive à necessidade do instante e dei continuidade à labuta com meus companheiros.

No vértice do meu imaginativo, gosto de pensar sobre minha turma sob um viés mais impessoal. Lembrar-me-ei, daqui a alguns anos, enquanto estiver no convés — ou no CIC, ou no passadiço, ou na pista de pouso da aeronave... —, de todos os momentos que tive ao longo dos anos com meus colegas. Bons, ruins, intensos, frágeis. O espírito de uma turma se traduz não somente pela constância do presente, mas pela permanência da memória. A memória dos companheiros, a memória dos calouros, a dos veteranos. Certo dia, teremos em mãos nossas espadas. Noutro, embarcaremos por todo o País, por onde desejarmos — ou por onde precisarem de nós. E notar a permanência dessa “necessidade” também ajuda a traduzir outra mística incauta: um dia, seremos escolhidos; noutro, escolheremos. E isso ocorrerá com base em discussões fraternas, comparações com o passado e predileções pelo futuro. O tempo, afinal, é a maior mística da Marinha. Mas uma turma sempre é a mesma turma, não importando a tempestade que se ponha diante da proa ou o mar picado que se levante.

E isto é de causar certa comoção, também. Certo dia, retornarei a Villegagnon com meus com-

panheiros. Verei colegas que hoje vejo todos os dias, mas que porventura passarei anos sem ao menos escutar seus nomes. Minha face cora ao pensar sobre a imensidão do tempo para nós, homens do mar, e o quanto isto é significativo para o que vem conosco em nossas carreiras navais. Eu passarei. Meus colegas, algum dia, passarão. Certo dia, num futuro desejadamente longínquo, toda a turma passará. Mas nosso nome permanecerá cicatrizado sobre a superfície etérea dos mesmos oceanos que outrora chamamos de “lar” — e, citando Fernando Pessoa, o mesmo poeta que escreveu sobre a imensidão do mar português, tenciono escrever certos versos de seu poema “Tabacaria”, no qual ele fala sobre o dono da loja à frente de sua janela: *ele, morrerá / eu, morrerá / ele, deixará a tabuleta / e eu, deixarei versos*. Como poeta e homem do mar que sou, arrisco a dizer que os versos que deixarei neste mundo estarão talhados na onda salgada do mar que um dia beijará o calouro do calouro de meu bisneto. E esta eternidade há de carregar minha turma por todo o seu legado.

Por necessidade desta prosa, descerro o vilipêndio de escrever não como um aspirante, mas como um filho do “espírito” de minha turma. Por bem, não vejo mais que uma alma: a “19”, meus irmãos de mares, de sóis e luas, que carregam comigo a uma certeza de servidão, o uno desejo de cumprir e uma promessa singela: *somos uma turma. Embarcamos juntos, navegamos juntos... e, enquanto Deus nos conceda, desembarcaremos juntos.* ■

---

\* Aspirante da Escola Naval